

# A utopia planetária de Pierre Lévy: uma leitura hipertextual d' *a inteligência coletiva*

Isa Maria Freire

Doutora em Ciência da Informação - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação Convênio MCT/IBICT — UFF Rua Lauro Muller, 455 — 5º. Andar Botafogo CEP 22290-160 Rio de Janeiro RJ

São abordadas as utopias planetárias apresentadas por A. Mattelart, que destaca P. Otlet e H. La Fontaine como 'visionários da documentação' face a sua contribuição à disseminação do conceito de 'internacionalismo' do conhecimento científico. É apresentado o conceito de 'inteligência coletiva' de P. Lévy como uma utopia sobre a relevância das redes virtuais de comunicação da informação para a emergência de um 'espaço do saber'. Ressalta a necessidade de estender os benefícios das tecnologias digitais de comunicação da informação às populações atualmente excluídas.

**Palavras-chave:** Utopias planetárias; Inteligência coletiva; Tecnologias digitais; Ciência da Informação

Recebido em: 28.04.2005

Aceito em: 26.09.2005

## Introdução

Este trabalho foi produzido no âmbito do projeto de pesquisa *Janelas da Cultura Local: Quissamã, Rio de Janeiro*, em implementação no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.<sup>2</sup> Sua finalidade é registrar uma visão filosófica aplicável ao projeto, com o propósito de subsidiar a discussão da pesquisa com os participantes, ao mesmo tempo em que divulga uma *informação* que julgamos ser de interesse para a área da ciência da informação, no Brasil.<sup>3</sup>

Nossas premissas são a *responsabilidade social* da ciência da informação (WERSIG & NEVELING, 1975, *apud* Freire, 2001) e sua relação intrínseca com a tecnologia da informação (ARAÚJO, 1994; SARECEVIC, 1995; PINHEIRO, 1997; FREIRE, 2004), o que, *per se*, justificaria a produção do presente texto. A abordagem metodológica do projeto se pautará no caráter interativo, tanto das tecnologias digitais de informação e comunicação quanto da participação da comunidade, no processo de construção de interfaces de organização e comunicação da informação cultural local.<sup>4</sup>

## A teia dos textos

Mattelart publicou sua *História da utopia planetária* em 1999.<sup>5</sup> No primeiro capítulo busca as raízes históricas do mito do Eldorado, encontrando um “*elo cristão face ao desmoroamento das barreiras*” geográficas e culturais, causado pelas grandes navegações no decorrer dos séculos XIV e XV. Para ele, devem-se às narrativas de Cristóvão Colombo e Américo Vesúcio, principalmente, a *Utopia* de Thomas More, “*região de lugar nenhum e da felicidade*” (p. 22, destaque em itálico, no original) e a *relatividade cultural* de Montaigne: “*ao conhecer a existência de tantos indivíduos diferentes pela cor ou pelos costumes, modos e crenças, os quadros do pensamento se quebram*” (p. 32). É a partir desse quadro de ruptura com o pensamento medieval e local que Mattelart estrutura os dois grandes blocos do seu texto.

Em *Cosmópolis*, são abordadas desde as utopias de Grotius e Mercier às idéias de Saint Simon sobre uma união européia, o sonho de Bolívar na América do Sul, a Terra Prometida dos Estados Unidos, o *Manifesto do Partido Comunista*, as idéias anarquistas de Proudhon, a doutrina humanitária, a *Civitas máxima* de Paul Otlet e a visão da diversidade na unidade de Sri Aurobindo. Em *Tecnópolis*, Mattelart aborda o *diálogo de surdos* entre a América e a Europa e a cultura como indústria, indagando sobre o fim do mundo, o globo como símbolo da modernidade americana e a relevância do taylorismo na União Soviética; fala sobre a revolução gerencial e a emergência da sociedade da informação, com sua geopolítica global, o desafio mundial das redes eletrônicas de comunicação e o retorno à comunidade: pensar global e agir local. No *Epílogo*, discorre sobre o fracasso da visão heróica do futuro e a utopia neo-liberal, de onde teria sido banido “*o ideal de igualdade e de justiça do qual a matriz utópica alimentou-se durante muito tempo*” (p. 415, 418).

Mattelart não cita Lévy, mas a *inteligência coletiva*<sup>6</sup> apresenta similaridade com os ideais de sociedade citados nas 432 páginas da *História da utopia planetária*. Contudo, a característica futurista das idéias é a que menos se destaca na visão de Lévy: neste novo modelo *o futuro é agora* (FREIRE, 2003), pois não estamos mais no espaço territorial, mas no *ciberespaço*<sup>7</sup>.

<sup>2</sup> Apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Proc. n.304820/2004-0. Mod. PQ; n.401830/2004-7 Mod. APQ) Participam como pesquisadores convidados os doutores Gustavo Henrique de Araújo Freire e Vânia Maria Rodrigues Hermes de Araújo; como pesquisadoras colaboradoras as mestres Carmelita do Espírito Santo e Paula Martinez Mello. Participam, também, os mestrands Márcio Gonçalves e Miriam de Fátima Cruz (PPGCI – MCT/IBICT – UFF), e os especialistas Cristina Gáudio Teixeira e Ricardo Siqueira Neves. Agradecemos ao professor Gustavo Freire os comentários ao presente texto, que contribuíram para torná-lo mais claro e informativo.

<sup>3</sup> A pesquisa tem como objetivo desenvolver, de forma participativa, ações de informação com vistas à inserção de comunidades na Sociedade da Informação e será desenvolvido em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Quissamã, RJ.

<sup>4</sup> Reflexões sobre o tema do projeto foram comunicadas na revista *Transinformação*, v. 16 n. 1, 2004. Ver também: ESPÍRITO SANTO, C. do; FREIRE, I. M., 2004.

<sup>5</sup> No presente texto usamos a edição brasileira: MATTELART, 2002 (a). Nas citações da obra inseridas no texto usaremos apenas o número da página.

<sup>6</sup> LÉVY, 2000. [Ed. original: 1994]. Nas citações da obra inseridas no texto usaremos apenas o número da página.

<sup>7</sup> “...palavra de origem americana, empregada pela primeira vez pelo autor de ficção científica William Gibson, em 1984, no romance *Neuromancien*. O ciberespaço designa ali o universo das redes digitais, como lugar de encontros e de aventuras, terrena no conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. [Hoje,] designa menos os novos suportes de informação do que os modos originais de criação, de navegação no conhecimento e de relação social por eles propiciados” (LÉVY, p.104, destaques em itálico, no original).

E nele,

*“...tendências fundamentais, já atuantes há mais de 25 anos, farão sentir cada vez mais seus efeitos ... O atual curso dos acontecimentos converge para a constituição de um novo meio de comunicação, de pensamento e de trabalho para as sociedades humanas”. (LÉVY, p.11, destaque, no original)*

O cenário do *ciberespaço* é construído por Lévy a partir das tecnologias digitais de informação e comunicação em rede criadas no início dos anos 80, que se tornaram um fenômeno econômico e cultural: redes mundiais de universitários e pesquisadores, redes empresariais, correios eletrônicos, comunidades virtuais e outras. Baseando-se na cooperação *anarquista* de milhares de centros informatizados no mundo, a Internet tornou-se o símbolo desse novo meio e comunicação e produção cultural: *“em 1994, mais de 20 milhões de pessoas, essencialmente jovens, estavam ‘conectados’”* (p.12). Nesse sentido, poderíamos estar vivendo *“um desses momentos extremamente raros em que uma civilização inventa a si própria, deliberadamente”* (p. 60), por isso o autor considera

*“...urgente destacar os ... aspectos civilizatórios ligados ao surgimento da multimídia: novas estruturas de comunicação, de regulação e de cooperação, linguagens e técnicas intelectuais inéditas, modificação das relações de tempo e espaço etc. ... Escolhas políticas e culturais fundamentais abrem-se diante dos governos, dos grandes atores econômicos, dos cidadãos. Não se trata apenas de raciocinar em termos de impacto ... mas também em termos de projeto ...”. (LÉVY, p.13, destaques, no original).*

Para Lévy esse *projeto* seria coletivo, representando a oportunidade para o exercício de um novo humanismo, que inclui e amplia o *conhece-te a ti mesmo* (do Oráculo de Delfos, notabilizado por Sócrates) para um *aprendamos a nos conhecer para pensar juntos*, e que generaliza o *penso, logo existo* (de Descartes) em *existimos eminentemente como comunidade* (que, por sua vez, reflete a visão *cosmopolítica* de Kant).

É com este quadro de referência que Lévy coloca, a nosso ver, sua *inteligência coletiva* no âmbito das utopias planetárias, com o argumento de que em decorrência do desenvolvimento dos meios eletrônicos de comunicação *“em pouco tempo, teremos passado ... de uma humanidade a outra”* (p.13), de modo a sugerir a hipótese da emergência de um novo *espaço antropológico*.<sup>8</sup>

## Rumo ao *espaço do saber*

Na visão de Lévy, a Terra foi o primeiro grande *espaço* aberto à nossa espécie: *“só os seres humanos vivem sobre a Terra; os animais habitam em nichos ecológicos”* (p. 22). Os modos de conhecimento específicos desse primeiro *espaço antropológico* são os mitos e os ritos, pois a *“identidade se inscreve ao mesmo tempo no vínculo com o cosmo e na relação de filiação ou de aliança com outros homens”* (p. 23). O segundo *espaço*, o Território, aparece com o neolítico e suas inovações sócio-culturais: a agricultura, a cidade, o estado e a escrita. Neste *espaço* os modos de conhecimento dominantes se baseiam na escrita: *“começa a história e o desenvolvimento dos saberes de tipo sistemático, teórico ou hermenêutico. ... As instituições [também se orientam por] lógicas de*

<sup>8</sup> Trata-se de *“um sistema de proximidade (espaço) próprio do mundo humano (antropológico) e, portanto, dependente de técnicas, de significações e das emoções humanas”* (LÉVY, p. 23).

*pertença ou de exclusão*” (p. 23). O terceiro espaço, que Lévy chama das *mercadorias*, tem o fluxo como princípio organizador: fluxo de energias, de matérias-primas, mercadorias, capitais, mão-de-obra, informações. Este espaço não elimina os anteriores, contudo

*“...supera-os em velocidade. É o novo motor da evolução. A riqueza não provém do domínio das fronteiras, mas do controle dos fluxos. Daí por diante reina a indústria, no sentido amplo de tratamento da matéria e da informação. A ciência experimental moderna é um modo de conhecimento típico do novo espaço ... Desde o fim da Segunda Guerra Mundial ela passa a dar lugar a uma ‘tecnociência’, movida por uma dinâmica permanente da pesquisa e da inovação econômica”.* (LÉVY, p. 24)

É neste contexto que surge o espaço caracterizado pela *“inteligência e ... saber coletivos, cujo advento definitivo não está em absoluto garantido por certas ‘leis da história’”* (p. 24) e teria a vocação de comandar os demais espaços. No *espaço do saber*, as tecnologias digitais de informação e comunicação nos permitiriam criar e percorrer mundos virtuais, colocando sobre novas bases os problemas do *laço social* e abrindo possibilidade não somente para pensarmos coletivamente a aventura humana, mas, principalmente, para influenciá-la *“mediante invenção de formas de pensar e se relacionar que contribuam para fazer emergir inteligências coletivas na humanidade”* (p. 33).

Para Lévy essa nova dimensão da comunicação humana deveria *“permitir-nos compartilhar nossos conhecimentos e apontá-los uns para os outros, o que é a condição elementar da inteligência coletiva”* (p.18). O problema da *inteligência coletiva*, nesse contexto, seria inventar uma linguagem *“para além da escrita”*, ou um processo de comunicação *“para além da própria linguagem”*, de tal modo que o *“tratamento da informação pudesse ser distribuído e coordenado por toda parte”* (p. 33). Na sociedade contemporânea, que conjuga o futuro no presente, isto se tornaria inadiável pois, *“como diz Michel Serres, o saber tomou-se a nova infraestrutura (citado por LÉVY, p.19, destaque nosso). No espaço do saber seria necessário “engajar a singularidade, a própria identidade pessoal na vida profissional”, numa dupla mobilização subjetiva, “bastante individual, de um lado, mas ética e cooperativa, de outro”* (p. 23, destaque em itálico, no original).<sup>9</sup> Nesse contexto, a inteligência coletiva representa a possibilidade de uma sociedade humana mundialmente conectada em rede e fundada no *“reconhecimento e enriquecimento mútuo das pessoas”* (p.27). Mas, deve ficar claro que

*“a inteligência coletiva não é um conceito exclusivamente cognitivo. Inteligência deve ser compreendida aqui como na expressão ‘trabalhar em comum acordo’ ... Trata-se de uma abordagem de caráter bem geral da vida em sociedade e de seu possível futuro. ... Essa visão de futuro organiza-se em torno de dois eixos complementares: o da renovação do laço social por intermédio do conhecimento e o da inteligência coletiva propriamente dita”.* (LÉVY, p. 26, em destaque, no original).

Uma inteligência distribuída por toda parte: eis o axioma inicial de Lévy. Para ele, a *inteligência coletiva* tem início com a cultura e cresce com ela, pois *“pensamos ... com idéias, línguas, tecnologias cognitivas recebidas de uma comunidade”* (p. 29). Em um coletivo inteligente, a comunidade assumiria como objetivo a *“negociação permanente da ordem estabelecida, de sua linguagem, do papel de cada um, o discernimento e a definição de seus objetos, a reinterpretação de sua memória”* (p. 31). Desse modo, o projeto da inteligência coletiva coloca-se como um *“processo de crescimento, de diferenciação e de retomada recíproca das singularidades”* (p. 31). Nele, uma *engenharia do laço*

<sup>9</sup> Nesse ponto (e a nosso ver), a utopia de Lévy apresenta indícios da filosofia pascalina, magistralmente descrita por Lucien Goldmann, como podemos observar nesta passagem: *“para Pascal, a condição autêntica do homem é exceder o homem, procurar Deus engajando toda sua existência nessa busca, no êxito da qual ele deve apostar tudo, sem por isso perder um só instante a consciência do outro aspecto complementar da condição humana, que é a de que essa busca não poderia nunca ser suspensa, deixar de ser aposta para se transformar em certeza simples, íntegra e não paradoxal”* (GOLDMANN, 1979, p. 187). Ver também: FREIRE, 2001. Apêndice.

*social* torna-se extremamente relevante e pode ser vista como “a arte de suscitar coletivos inteligentes e valorizar ao máximo a diversidade das qualidades humanas” (p. 32, destaque, no original). O núcleo da engenharia do *laço social* é a “economia das qualidades humanas” e sua ação implica uma *ética da inteligência coletiva*, encarnada num grupo da humanidade que Lévy chama de *justos*.

Para exemplificar essa ética e seus praticantes, Lévy usa uma história bíblica bem presente no imaginário ocidental, como segue:

*“Gen., cap. 18-19. Um grande clamor se ergue contra Sodoma e Gomorra devido a seus pecados. Tendo Deus resolvido destruir essas cidades, nas quais se cometiam muitas injustiças, decide falar primeiro a Abraão. ... o patriarca enceta com o Eterno uma extraordinária sessão de negociação: ‘Talvez haja cinquenta justos na cidade! ... Sucederia ao justo o mesmo que ao culpado?’ [Na negociação,] Deus concede a Abraão a salvação da cidade, caso ali se encontrassem ... dez justos apenas.*

*“ Ao cair da noite, dois anjos chegam às portas de Sodoma. Nada, em sua aparência, indica que sejam enviados de Deus. Para todos, são pessoas de passagem ... Lot, que estava sentado à entrada da cidade, convida esses estrangeiros à sua casa ... segundo as regras da hospitalidade. Eles ainda não haviam se deitado quando a população de Sodoma se reúne em torno da casa de Lot e pede para ver os estrangeiros, ‘para deles abusar’. Lot se recusa a entregar seus hóspedes ... A demonstração permitiu contar o número de justos em Sodoma: apenas um ...”. (LÉVY, p. 35).*

Na interpretação de Lévy, o texto mostra

*“a força de pessoas vivas e ativas, os ‘justos’, capazes de trabalhar para a existência do mundo humano.*

*Qual o crime de Sodoma? A recusa à hospitalidade. ... Ora, a hospitalidade representa eminentemente o sustentáculo do laço social, concebido segundo a forma da reciprocidade: o hóspede é tanto aquele que recebe como o que é recebido. E cada um deles pode se tornar estrangeiro. ... A hospitalidade consiste em atar o indivíduo a um coletivo. Contrapõe-se inteiramente ao ato de exclusão. O justo inclui, ‘insere’, reconstitui o tecido social. Em uma sociedade de justos, e segundo a forma de reciprocidade, cada um trabalha para incluir os outros. [No mundo contemporâneo] onde tudo se move, onde todos são levados a mudar, a hospitalidade, moral dos nômades e migrantes, torna-se moral por excelência.*

*...Por que é preciso ao menos dez justos para que a cidade seja poupada? ... Porque é preciso uma força coletiva para manter um coletivo. ... Dez é o início do anonimato. São necessários pelo menos dez, pois os justos devem ter passado pela prova da sociedade dos justos. ... Os justos só são eficazes, só conseguem manter a existência de uma comunidade constituindo uma inteligência coletiva. ...Abraão é o justo por excelência. ... Ao negociar com Deus ... ele valoriza e desdobra ao máximo o potencial do bem; chama atenção para a bondade dos outros. ... inventa a engenharia do laço social”. (LÉVY, p.36-39, passim).*

Assim, a negociação de Abraão com Deus representaria a primeira tecnologia de otimização dos efeitos das menores qualidades positivas presentes em um coletivo humano: seja em nível das empresas, das administrações, ou ainda das regiões ou nações, na sociedade em rede as necessidades

econômicas deverão se associar à exigência ética, pois “na economia do futuro, o capital será o homem total” (p. 42). Nesse contexto, “a transmissão, a educação, a integração, a reorganização do laço social deverão deixar de ser atividades separadas. Devem realizar-se do todo da sociedade para si mesma, e potencialmente de qualquer ponto que seja de um social móvel a qualquer outro” (p. 45)<sup>10</sup>.

## E sobre a *informação*?

Essa visão humanista do futuro nos leva de volta à *História da utopia planetária* de Mattelart, que reconhece em Paul Otlet e Henri La Fontaine a característica de “visionários da universalidade do conhecimento humano”,<sup>11</sup> assinalando o “paralelismo surpreendente” entre as representações de utopias do final do séc. XIX e as do início do séc. XXI. Ele assinala que o texto de Otlet e La Fontaine sobre o *conhecimento universal* é, ao mesmo tempo, um programa de ação e uma síntese do espírito das realidades do *internacionalismo*, um termo que, a partir dos autores, já não seria mais exclusivo do socialismo (p. 232). O campo privilegiado da ação de Otlet e La Fontaine é a *documentação* e

“apesar de não terem cunhado o termo, ... fazem dele a base de uma nova ciência, tendo criado, em 1895, o Instituto Internacional de Bibliografia, com o objetivo de estudar ‘as questões concernentes ao Livro e à organização sistemática da Documentação em bases internacionais e universais’”. (MATTELART, p. 233)<sup>12</sup>.

Em 1910, o Instituto Internacional de Bibliografia promoveu o primeiro congresso mundial das associações internacionais, onde se decidiu o lançamento da revista *La Vie Internationale*, porta-voz de uma recém criada União das Associações Internacionais, à qual aderiram, de imediato, 32 organizações. A perspectiva social da União é indicada no programa: “contribuir para desenvolver as relações além das fronteiras, para crescer a solidariedade humana e para assegurar a paz entre as nações” (La FONTAINE & OTLET, 1912, p. 233); e sua *expressão lírica* também é transcrita por Mattelart: “fazer do mundo uma só cidade e de todos os povos uma só família”. (p. 234).

Em 1913, La Fontaine, que participava do Senado belga e da União Interparlamentária, recebeu o prêmio Nobel da Paz por sua contribuição ao projeto da Corte Internacional de Justiça. Segundo Mattelart, os “visionários da documentação” propugnavam não somente a universalização do conhecimento mas, especialmente, que todos tivessem acesso à informação que representa sua possibilidade de realização no indivíduo, no seu grupo e na sociedade. Nesse sentido, podemos entender o Instituto Internacional de Bibliografia, onde brotou “a idéia de bibliografia como registro, memória do conhecimento científico, desvinculada dos organismos, como arquivos e bibliotecas, e de acervos” (PINHEIRO, 1997, p. 28), bem como a origem da ciência da informação, no contexto da emergência do próprio *espaço do saber*.

O cenário acima descrito nos permitir estabelecer, no presente texto, uma relação entre a *utopia planetária* de Otlet e La Fontaine e o conceito de *inteligência coletiva* de Lévy no contexto da Internet, que engendra um mundo virtual que propicia possibilidades reais para criação de novas formas de

<sup>10</sup> Encontramos, aqui, novos indícios do pensamento de Pascal, considerado por Goldmann como criador do pensamento dialético: “sendo todas as coisas causadas e causadoras, auxiliadas e auxiliadoras, mediadamente e imediatamente, e todas se intersustentando por um vínculo natural e insensível que une as mais afastadas e as mais diferentes, considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, do mesmo modo que conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes” (GOLDMANN, 1979, p. 177. A aposta foi escrita “Para o Libertino?”).

<sup>11</sup> Mattelart volta a citar Otlet e La Fontaine na *História da sociedade da informação*, publicado em 2001 na França e, no ano seguinte, no Brasil. O autor os coloca como fundadores de uma “nova ciência da organização sistemática da documentação”, iniciativa que, a seu ver, “é produto de um espírito visionário” (Mattelart, 2002 (b), p. 47-50), característica confirmada por Figueiredo em texto sobre Otlet, onde ressalta sua relevância para a “conceptualização de um novo campo de estudo e pesquisa”, a ciência da informação (FIGUEIREDO, 1996, p. 15).

<sup>12</sup> Atualmente Federação Internacional de Informação e Documentação (FID), que tem como lema “*Informação a serviço da sociedade*”. (FREIRE, 2001, cap. 1).

universalização do conhecimento humano. Nesse sentido, temendo que a *ágora virtual* seja privilégio de uma elite, Lévy destaca a necessidade e urgência de democratizar o acesso às tecnologias digitais de informação e comunicação, para “*dar a uma coletividade o meio de proferir um discurso plural, sem passar por representantes*” (p. 65). Suas previsões, nesse sentido, são de que a capacidade para navegar no ciberespaço será adquirida em tempo menor do que

*“o necessário para aprender a ler e, como a alfabetização, será associada a muitos outros benefícios sociais, econômicos e culturais além do acesso à cidadania. ... A democracia em tempo real visa a constituição do ‘nós’ mais rico”.* (LÉVY, p. 63, 67)<sup>13</sup>

E como acredita que as redes de comunicação e as memórias digitais em breve serão suporte para a maioria das representações e mensagens em circulação no planeta, Lévy defende a hipótese de que é possível, e até desejável, produzir dispositivos que encarnem ou materializem efetivamente a inteligência coletiva.

*“Quando falamos de mundos virtuais temos em mente vastas redes digitais, memórias, informáticas, interfaces multimodais interativas, rápidas e nômades das quais os indivíduos poderão se apropriar facilmente. Imaginamos, sobretudo, uma relação com o saber diferente da que hoje prevalece, a instauração de um espaço de comunicação não-midiático, uma profunda renovação das relações humanas ... uma reinvenção da democracia.”* (LÉVY, p. 94)<sup>14</sup>.

Desse modo, Lévy termina por afirmar sua inteligência coletiva como “*uma utopia do instável e do múltiplo*”, que responderia “*a uma ética do melhor, mais que a uma moral do Bem*” (p. 208), definindo os *intelectuais coletivos* como “*meios humanos que encorajam as subjetividades a se singularizar continuamente*” (p. 147). Para ele, “*o projeto da inteligência coletiva não adia a felicidade para mais tarde [dando] seqüência à proposta de emancipação da filosofia das Luzes*” (p. 209). Afinal, “*o Tempo é uma criança que joga dados*”,<sup>15</sup> portanto imprevisível e inesperado, e estas são formas características das utopias planetárias em cuja linhagem esperamos ter iniciado a *inteligência coletiva*.

Atualmente estamos presenciando a “*nova relevância de um fenômeno antigo*”, a *informação* (WERSIG & NEVELING, 1975 *apud* Freire, 1995), cuja área de ação e atuação cresceu de tal modo, ao longo do séc. XX, que qualifica nossa sociedade como *da informação*. Neste contexto, trazemos a contribuição de Quéau ao quadro das utopias planetárias, quando coloca que “*o mundo precisa da uma visão, de um projeto que possa levar em conta todos, especialmente os mais pobres e mais deserdados*” (QUÉAU, 2001, p. 480). Como Lévy, ele elege o estrangeiro o símbolo da diferença por ser a imagem do *outro*, lembrando que existem muitos *outros*: “*o desempregado, o pobre ou o iletrado. [Estes,] quase por natureza, são excluídos da sociedade da informação*” (QUÉAU, 1998, p. 205).

Otlet, La Fontaine, Lévy, Goldmann, Mattelart, Castells, Quéau, Wersig e Neveling, Araújo, Freire: os autores aqui citados abordam e reivindicam a inclusão de todos os grupos populacionais do planeta nos benefícios da revolução das tecnologias intelectuais de informação e comunicação. Para eles, como para nós, a democratização do acesso à informação torna-se crucial na luta da humanidade pela conquista de melhorias na qualidade de vida e para construção de laços solidários entre povos e nações. Nesse processo, a nosso ver, os profissionais da informação têm a relevante função social de aproximar as fontes de informação

<sup>13</sup> A propósito do sujeito coletivo ('Nós'), observem o que diz Goldmann: “*Quase nenhuma ação humana tem por sujeito um indivíduo isolado. O sujeito da ação é um grupo, um ‘Nós’ mesmo se a estrutura atual da sociedade, pelo fenômeno da reificação, (...) encobrir esse ‘Nós’ (...). Há entre os homens uma outra relação possível além da relação de sujeito a objeto ou da de Eu e Tu: é uma relação de comunidade que chamaremos o ‘Nós’, expressão de uma ação comum sobre um objeto físico ou social*”, (GOLDMANN, 1979, p.18-19. *O Todo e as Partes*).

<sup>14</sup> Sobre o papel da informação em redes virtuais, ver FREIRE, 2004.

<sup>15</sup> Sobre a metáfora do Tempo como criança, Carl Gustav Jung, criador do conceito de inconsciente coletivo, esculpiu em seu castelo de pedra a tradução de uma inscrição grega que diz: “*O tempo é uma criança... brincando sobre um tabuleiro de xadrez, o reino da criança. É Telésforo, que erra pelas regiões sombrias do cosmos e brilha como uma estrela elevando-se das profundezas. Ela indica o caminho para as portas do sol e para a terra dos sonhos*” (JUNG, 1991, p. 227).

de seus usuários em potencial, na sociedade.

É assim que, como outros visionários de um bem comum para a humanidade, também acreditamos ser possível uma “*sociedade da sabedoria, uma sociedade com sentido, uma sociedade justa em que todos os ‘outros’ [os excluídos] podem encontrar o seu lugar*” (QUÉAU, 1998, p. 205). E esta é uma visão que as utopias planetárias podem até inspirar, mas que, real e virtualmente, caberá a nós, indivíduos, realizarmos no anonimato existencial de cada vida, desde que vivida para *apostar* na unidade do gênero humano e numa filosofia de mútua reciprocidade. Para não esquecer que o *outro* sou eu, no espelho do DNA.

## *Pierre Lévy’s planetary utopia: a hypertextual reading of the collective intelligence*

*An approach to the planetary utopias described by A. Mattelart who stands out P. Otlet and H. La Fontaine as “documentation visionaries” regarding his contribution to the scattering of “internationalism” concept of scientific knowledge. The “collective intelligence” idea of P. Lévy is introduced as a utopia under the relevance of communication virtual net of information for the emergence of a “knowledge space”. It stands out the need to extend the benefits of digital technologies of communication of information to the currently excluded population.*

**Key-words:** Planetary utopias; Collective intelligence; Digital technologies; Information science

## Referências

- ARAUJO, V. M. R. H. de. *Sistemas de recuperação da informação: nova abordagem teórico-conceitual*. 1994. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação da UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.
- ESPÍRITO SANTO, C. do; FREIRE, I. M. “Quissamã somos nós!”: construção participativa de hipertexto. *Ciência da Informação*, v. 33, n. 1, 2004. Disponível em: [www.ibict.br/cionline/](http://www.ibict.br/cionline/)
- FID. *History*: Pesquisa por assunto na Internet. Browse AltaVista, set. 2000.
- FIGUEIREDO, N. Paul Otlet e o centenário da FID. In: ORGANIZAÇÃO do conhecimento e sistemas de classificação. Brasília: IBICT, 1996.
- FREIRE, G. H. de A. *Comunicação da informação em redes virtuais de aprendizagem*. 2004. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Convênio CNPq/IBICT - UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: [www.isafreire.pro.br](http://www.isafreire.pro.br)
- FREIRE, I. M. O desafio da inclusão digital. *Transinformação*, v.16 n.1, 2004
- \_\_\_\_\_. O futuro é agora. *Você S/A*, edição 62, ago. 2003, p. 58. *Espaço Livre*. Disponível em: [www.isafreire.pro.br](http://www.isafreire.pro.br)
- \_\_\_\_\_. *A responsabilidade social da Ciência da Informação e/ou o olhar da consciência possível sobre o campo científico*. 2001. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação) - Convênio CNPq/IBICT - UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: [www.isafreire.pro.br](http://www.isafreire.pro.br)
- \_\_\_\_\_. Informação; consciência possível; campo. Um exercício com construtos teóricos. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: [www.ibict.br/cionline/](http://www.ibict.br/cionline/)
- GOLDMANN, L. *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JUNG, C. G. *Memórias, sonhos, reflexões*. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.
- La FONTAINE, H.; OTLET, P. La vie internationale et l’effort pour son organization. *La Vie Internationale*, v. 1, n. 1, 1912.
- LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- MATTELART, A. *História da utopia planetária: da cidade profética à sociedade global*. Porto Alegre: Sulina, 2002 (a).
- \_\_\_\_\_. *História da sociedade da informação*. São Paulo: Loyola, 2002 (b).
- PINHEIRO, L. V. R. *A Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar*. 1997. Tese. (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação - UFRJ, Rio de Janeiro. 1997.
- QUÉAU, P. *Cibercultura e info-ética*. In: MORIN, Edgar (Org.). *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. Jornadas temáticas idealizadas e dirigidas por E. Morin (Paris, França: 1998).
- \_\_\_\_\_. A revolução da informação: em busca do bem comum. *Ciência da Informação*, v. 27, n. 2, 1998. Disponível em: [www.ibict.br/cionline/](http://www.ibict.br/cionline/)
- SARACEVIC, T. Interdisciplinary nature of information science. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: [www.ibict.br/cionline/](http://www.ibict.br/cionline/)
- SERRES, M. J’habite une multiplicité d’espaces. *L’Interférence*, Paris: Minuit, 1972.
- WERSIG, G.; NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. *The Information Scientist*, v. 9, n. 4, 1975.